

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

**Administrador e editor:** José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionares.

**SUMMAHIO:**—DOCUMENTOS PONTIFICIOS: *Carta Encyclica de Sua Santidade Pio X (conclusão)*—FLORES A MARIA: *Um milagre em Lourdes (conclusão)*—AS NOSSAS GRAVURAS.—MESA HUMORISTICA: *Positivismo — DE TUDO UM POUCO*.—RETROSPECTO DA QUINZENA.

**Gravuras:**—D. Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo Primaz de Braga—*Egreja e hospital de S. Marcos (Braga)*—*Egreja do Bom Jesus do Monte (Brag)*.



D. MANUEL BAPTISTA DA CUNHA  
ARCEBISPO PRIMAZ DE BRAGA

Publicando o retrato do venerando Arcebispo de Braga, D. Manuel Baptista da Cunha, sentimos com isso o maior jubilo por termos ensejo agora de prestarmos a nossa humilde homenagem ao Prelado modello, que se impõe pelas virtudes peregrinas que tão fulgentemente o aureolam.

Desnecessario é n'este preito sincero de veneração e respeito pelos seus excelsos dotes de apóstolo, traçarmos os perfis biographicos de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>.

A sua vida impolluta, a sua missão evangelica e as suas inclitas acções fallam bem alto para que vejamos na pessoa de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> a encarnação d'um verdadeiro evangelizador.

Por demais sabemos que tudo quanto se possa dizer de Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> é uma minima parcella da joalheria preciosa que esmalta o seu coração diamantino.

E nós que obrigação tinhamos de o fazer aqui, sentimos agora a força d'esta evidencia. Por isso ousamos pedir a Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> que nos releve a pobreza d'estas linhas e a pequenez da homenagem.

DOCUMENTOS PONTIFICIOS

## Carta Encyclica de Sua Santidade Pio X

Sobre o centenario de S. Gregorio Magno

Aos Patriarchas, Primazes, Arcebispos, e Bispos  
em communhão com a Santa Sé

(Conclusão)

Escreveu tambem ao diacono Sabiniano: «Estou prompto a morrer, antes que deixar, estando eu vivo, degenerar a Igreja do bemaventurado Apostolo Pedro. O meu caracter é-vos bem conhecido: supporto muito tempo; mas, logo que eu resolvo não supportar, vou alegre ao encontro de todos os perigos.» (*Ibid.*, V, 6 (IV, 47).)

Era assim que o Summo Pontifice Gregorio publicava as instrucções mais salutaes, e aquelles a quem as dirigia prestavam attenção á sua palavra. Assim, graças á docilidade, tanto dos principes como dos povos, o mundo retomava o caminho da verdadeira salvação e avançava para uma civilisação tanto mais nobre e fecunda que se apoiava sobre fundamentos mais estaveis, proprios para favorecer o justo uso da razão e a regra dos costumes, civilisação que hauria toda a sua força na doutrina revelada por Deus e nos preceitos do Evangelho.

Mas n'esses tempos os povos, ainda que rudes, incultos e desprovidos de toda a civilisação, tinham o desejo da vida. Ora essa vida não a podiam receber senão de Christo pela Igreja. «Eu vim afim de que elles tenham a vida e a tenham mais abundantemente.» (*Joan.*, X, 10.) De facto, tiveram a vida e a receberam copiosamente; porque, comquanto nenhuma outra vida possa emanar da Igreja senão a vida sobrenatural, ella encerra em si e desenvolve as forças da ordem natural. Se a raiz é santa, os ramos são-no tambem, diz S. Paulo aos gentios... «Quanto a ti, tu eras uma oliveira selvagem, mas tendo sido enxertado n'elles, tu te tornaste associado da raiz e participaste do succo da oliveira.» (*Ad Rom.*, XI, 16, 17.)

Mas a nossa epoca, apesar de gosar tão abundantemente das luzes da civilisação christã que, de maneira alguma, se pôde pôr em parallelo com a epoca de Gregorio, parece experimentar desgosto por esta vida que é a fonte principal e frequentes vezes unica á qual se devem tantos bens, não diremos sómente passados, mas presentes. Não é somente, como outr'ora no tempo das heresias e dos schismas, ella se mutilla em um ramo morto, mas tambem se ataca a propria raiz da arvore, isto é, a Igreja, e se esforça por exhaurir absolutamente a seiva de vida, afim de que a arvore caia com mais segurança e não possa mais produzir, no futuro, germen algum.

Este erro actual, que é o maior, e do qual todos os outros procedem, é causa de que nós deploremos a ruina da salvação eterna para tantos homens, e tantos prejuizos experimentados pela religião, ao mesmo tempo que temamos outros males que nos ameaçam, e que, se não forem remediados, serão mais numerosos ainda. Com effeito, nega-se que haja qualquer coisa superior á natureza e que haja um Deus creador de todas as coisas, cuja Providencia tudo governa; julga-se que os milagres não sejam possíveis, esses milagres sem os quaes os fundamentos da religião christã são destruidos. Atacam-se as provas da existencia de Deus, e, com uma temeridade invencivel, em contrario aos primeiros principios da razão, regeita-se a poderosa e irrefutavel argumentação que prova a causa pelos effeitos, isto é, que demonstra Deus e os seus infinitos attributos, «O que n'Elle ha d'invencivel é, com effeito,

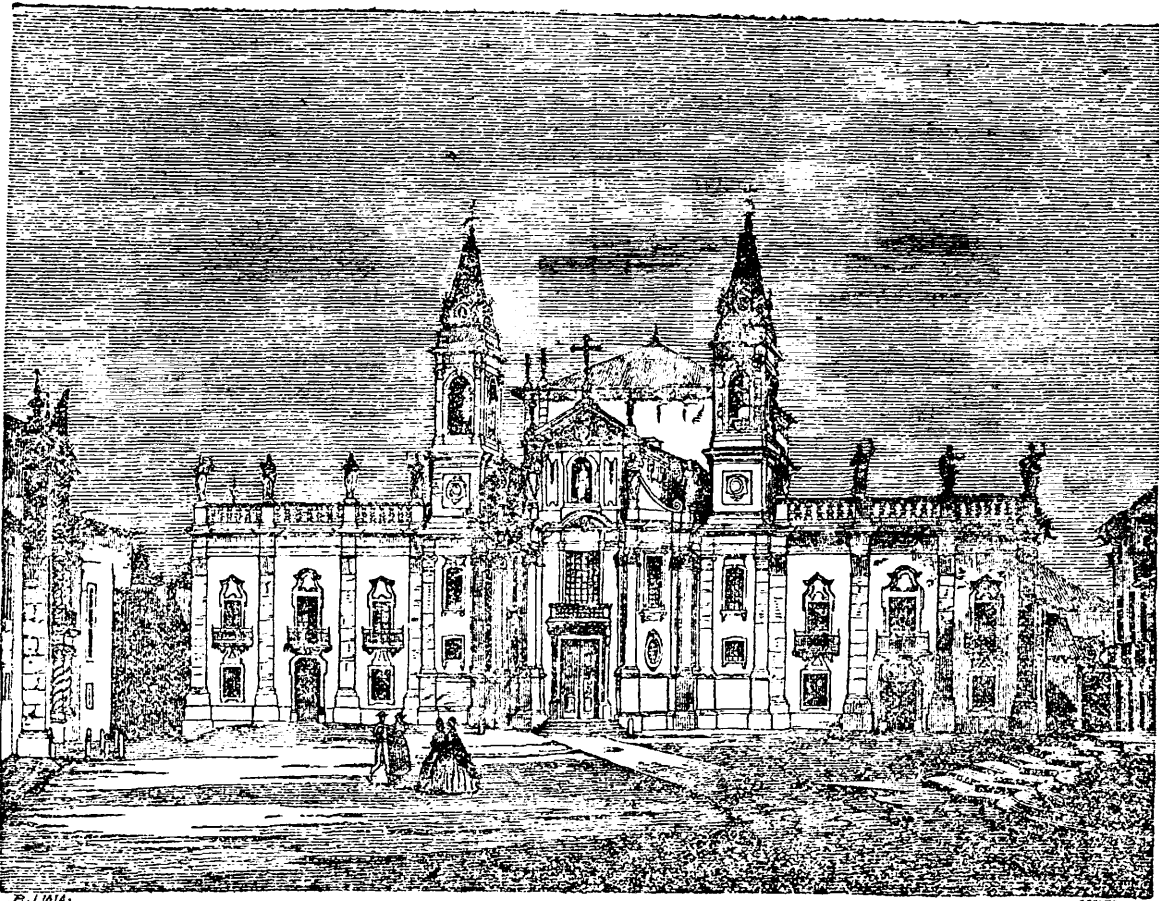
apercebido pela intelligencia, no meio da creação do mundo e das coisas que foram por Elle feitas; vê-se tambem o seu poder eterno e a sua divindade.» (*Ad Rom.*, I, 20.) D'este modo, está aberto facil accesso a outros erros monstruosos que repugnam á recta razão e não são menos perniciosos para os bons costumes.

Com effeito, a negação gratuita do principio sobrenatural, que é proprio da «sciencia falsamente nomeada» (*Tim.*, VI, 20), torna-se o postulado d'uma critica historica igualmente falsa. Todas as verdades que tocam d'uma maneira qualquer com a ordem sobrenatural, quer a constituam, quer tenham connexão com ella, quer a supponham, quer emfim não possam ser explicadas senão por ella, são banidas sem exame da historia. Taes são a divindade de Jesus Christo, a sua encarnação por operação do Espirito Santo, a sua resurreição devida ao seu proprio poder, e emfim todos os outros artigos da nossa fé. Entrada n'este caminho, a critica não conhece mais regra alguma. Tudo o que não quadra com os seus planos de batalha, tudo o que é considerado como hostile aos seus systemas, é arrancado dos Livros Santos; porque, sendo supprimida a ordem sobrenatural, é-se obrigado a construir sobre bases bem differentes a historia das origens da Igreja, e para isso, os fabricantes de novidades torturam os textos a seu bel prazer, forçando-os a dizer, não o que os auctores pensavam, mas o que elles querem.

O grande apparatus de sciencia exhibido por estes innovadores e a força apparente dos seus argumentos, impõem-se de tal modo a muitas pessoas, que a sua fé se perde ou enfraquece gravemente. Outros ha que, constantes na sua fé, se irritam contra a sciencia da critica e a consideram como um instrumento de demolição, quando esta sciencia, em si mesma, não é culpavel, e, legitimamente empregada, conduz a mui felizes descobertas. Nem uns nem outros prestam attenção ao mau ponto de partida que tomam, isto é, á falsidade d'aquillo a que se dá o nome de sciencia, erro inicial que forçosamente os conduz a falsas conclusões. E', com effeito, inevitavel que um falso principio de philosophia corrompe tudo o que d'elle decorre. Mas estes erros não poderão ser sufficientemente refutados senão quando se mudar de tactica, isto é quando os combatentes, abandonando as cidadellas da sua critica, onde se julgam bem defendidos, voltem a tomar posição no terreno da verdadeira philosophia, cujo abandono foi causa dos seus erros.

Durante este tempo, torna-se fatigante applicar a estes homens habeis e subtilezas as palavras de S. Paulo reprehendendo aquelles que não se elevavam das coisas terrestres ás que não attingam os olhos: «Elles se desvaneceram nos seus pensamentos e o seu coração cego se obscureceu; dizendo que elles eram sabios, tornaram-se insensatos.» (*Ad Rom.*, I, 21 e 22.) Insensato é o titulo que conviria, com effeito, áquelle que não tomasse senão as forças do espirito para luctar na arena.

Ruinas não menos deploraveis são aquellas que causa esta negação nos costumes dos homens e na vida da sociedade civil. Com effeito, supprime a crença de que existe, acima d'esta natureza vizivel, uma ordem divina, e não restará mais nenhuma força capaz de refrear os desejos immoderados mais vergonhosos que se apoderam dos espiritos para conduzir ás peores acções. E' por isso que «Deus os abandonou aos desejos dos seus corações e á immundicia, afim de que elles encham os seus corpos d'ultrages.» (*Ibid.*, I, 24.) Quanto a vós, Veneraveis Irmãos, sabeis melhor do que ninguem quanto a immoralidade transborda por toda a parte, immoralidade que o poder civil será impotente para conter, se não procura uma defesa n'essa ordem sobrenatural de que vimos de falar. Mesmo para curar os outros males, a auctoridade humana



Braga—Egreja e hospital de S Marcos

nada poderá, se esquece ou nega que todo o poder vem de Deus.

Então, não ha senão um freio para tudo: a fôrça. Esta fôrça não se emprega constantemente e não se tem sempre em mão. D'ahi resulta que o povo soffre, por assim dizer, d'um mal occulto, se desgosta de tudo, reivindica o direito de proceder a seu bel prazer, sopra a revolta, prepara por vezes as revoluções mais violentas e confunde todos os direitos divinos e humanos.

Afastae Deus e não ha mais nenhum respeito nem pelas leis do Estado, nem pelas instituições necessarias; a justiça é desprezada, opprime-se mesmo a liberdade que é de direito natural. As coisas chegaram a tal ponto que os lineamentos da sociedade domestica, primeiro e mais firme fundamento da sociedade civil, se deslocam. De modo que, em consequencia da hostilidade da nossa epoca contra Christo, é mais difficil applicar aos males os remedios efficazes que a Egreja possui para conter os povos no dever.

Entretanto, a salvação só pode vir de Christo. «Porque nenhum outro nome sob o céu foi dado aos homens, no qual deveremos ser salvos.» (Act, IV, 12). E', pois, necessario voltar a elle, lançarmo-nos aos seus pés, recolher da sua divina bocca as palavras da vida eterna. Só, com effeito, pôde indicar a via pela qual se caminha á salvação, ensinar a verdade e chamar á vida, aquelle que disse de si mesmo: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida.» (Joan., XIV, 6). Em summa, tentaram dirigir as coisas terrestres separando-se de Christo; começaram a construir regeitando a pedra angular, como Pedro censurava aquelles que tinham crucificado Jesus. E eis que o

edificio assim construido se esboroa, quebrando a cabeça d'aquelles que o construíram. Entretanto Jesus permanece na pedra angular da sociedade, e de novo se verifica esta verdade, que não ha salvação senão n'elle: «Esta é a pedra que foi regeitada por vós quando construíeis, que se tornou um cume d'angulo, e em nenhuma outra ha salvação.» (Act., IV, 11, 12).

Depois d'isso, comprehendéis facilmente, Veneraveis Irmãos, quanto é urgente para cada um de nós a necessidade de empregar toda a energia da sua alma e utilizar todos os recursos que possui para reanimar essa vida sobrenatural em todas as classes da sociedade, desde o operario d'humilde condigão que ganha o seu pão por um longo trabalho e com o suor da sua frente, até aos poderosos senhores da terra. E em primeiro lugar, pela oração particular e pela oração publica, é necessario invocar a misericordia de Deus, afim de que nos assista com o seu poderoso auxilio, e dirigir-lhe as palavras que lhe endereçavam outr'ora os apóstolos, agitados pela tempestade: «Senhor, salva-nos, que perecemos.» (Math., VIII, 25).

Comtudo isto não basta. Gregorio, com effeito, não elogia o Bispo que, por amor d'um santo retiro e gosto da oração, não desce á lucta, prompto a combater corajosamente pela causa de Deus. «O nome de Bispo, diz elle, é para elle vasio de sentido.» (Registr., VI, 63 (30). Cf. Regul. past. I, 5). E tem razão. A luz, com effeito, deve ser levada aos espiritos por uma incessante prégacao da verdade e por uma poderosa refutação das opiniões perversas, por meio d'uma verdadeira e solida sciencia philosophica e theologica e de todos os auxilios que pode fornecer o verdadeiro progresso da investigação historica. E'

necessario, além d'isso, que se incu'quem convenientemente a todos as regras dos costumes que nos foram transmittidas por Christo, afim de que cada um aprenda a ser mestre de si, a governar os movimentos e os desejos de sua alma, a reprimir as revoltas do orgulho, a mostrar-se submisso para com a auctoridade, a praticar a justiça, a abraçar todos os homens na sua caridade, a recompensar por uma afeição christã a amargura que a desigualdade das condições introduziu na sociedade civil, a afastar o seu espirito dos bens da terra, a contentar-se com a sorte que a Providencia lhe deu, a tornal-a melhor pela observancia dos seus deveres, a dirigir os seus esforços para a vida futura pela esperança d'uma recompensa eterna. E' necessario velar sobretudo para que estes principios penetrem e se gravem profundamente nas almas, afim de que uma verdadeira e solida piedade lance n'ellas mais profundas raizes, que cada um cumpra os seus deveres d'homem e de christão, não sómente de bocca, mas por actos, que se refugie com confiança filial na Igreja e seus ministros, que os peccadores obtenham pelo seu ministerio o perdão dos seus peccados, que sejam fortificados pela graça dos sacramentos e que organisem a sua vida segundo os preceitos da lei christã.

A estas partes essenciaes das funcções sagradas é necessario que se junte a caridade de Christo, sob o impulso da qual não devemos soffrer que qualquer coisa sem que o levantemos, que qualquer chore sem que o consolemos, que exista uma necessidade sem que ajudemos a remedi-la. Consagremo-nos completamente a esta caridade, façmol-a passar adeante dos nossos interesses, negligenciemos por ella as nossas commodidades e bens, afim de que «fazendo nos tudo para todos» (I Cor., IX, 22), procuremos a salvação de todos mesmo á custa da nossa vida, segundo o exemplo de Christo que o pede aos pastores da Igreja: «o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas.» (Joan., X, II.) Estes notaveis ensinamentos enchem os escriptos deixados por Gregorio e salientam-se ainda melhor nos numerosos exemplos que nos dá a sua admiravel vida.

Ora, como todas estas verdades decorrem necessariamente da natureza ou principios da revelação christã e das propriedades intrinsecas que deve ter o nosso apostolado, vêles desde já, Veneraveis Irmãos, quam grande é o erro em que caíram aquelles que julgam que prestam serviço á Igreja e que fazem uma obra fecunda para a salvação eterna dos homens, quando, por uma certa prudencia carnal, fazem largas concessões a uma sciencia que não merece este nome. Obedecam á vã esperança de podrem assim conciliar-se mais facilmente o favor dos desvairados, mas na realidade expõem-se continuamente ao perigo de se perderem a si mesmas. A verdade é uma e não pôla ser dividida; dura eternamente e não está, de modo algum, sujeita ás vicissitudes dos tempos: «Jesus Christo era hontem, é hoje e será o mesmo em todos os seculos.»

Tambem se enganam gravemente aquelles que, occupando-se do bem publico, e defendendo sobretudo a causa das classes inferiores, toem por principal cuidado o que diz respeito ao bem estar material do corpo e da vida e passam em silencio a salvação das almas e os gravissimos deveres que a profissão christã impõe. Não toem por vezes vergonha de cobrir como d'un veu certos preceitos fundamentaes do Evangelho, receando que sem isso os não escutam tão bem, ou que se recusem completamente a segui-los.

Certamente, é conforme á prudencia proceder por graus, mesmo na exposição da verdade, quando nos tenhamos d'haver com esses homens que são em todos os pontos hostis ás nossas doutrinas e separados de Deus. «As feridas que seja necessario cortar, diz S. Gregorio, devem

ser antes apalçadas com mão ligeira.» (Registr., V, 44 (18) ao Bispo João.)

Mas esta mesma habilidade tomará os caracteres da prudencia carnal, se se tornar como uma regra d'acção constante e commum; e isto tanto mais que, com esta attitudde, se parece fazer pouco caso da graça divina, que é concedida não sómente ao ministerio sacerdotal e aquelles que o exercem, mas a todos os fiéis de Christo, afim de que as nossas palavras e as nossas acções commovam fortemente os seus corações.

Uma tal prudencia foi desconhecida de Gregorio, quer na prégção do Evangelho, quer nas obras tão immensas e tão admiraveis que emprehenou para alliviar a miseria do proximo. Seguiu constantemente as pégadas dos apóstolos que, quando se lançavam, pela vez primeira, a travez o mundo afim d'annunciar Christo, pronunciavam estas palavras: «Nós prégamos Jesus Christo crucificado, que é um escandalo para os Judeus e uma censura para os Gentios (I Cor., I, 23.)

Ora, se houve jámais tempo em que os recursos da prudencia humana podiam parecer sobretudo opportunos, foi certamente essa epocha em que os espiritos não estavam preparados para receber uma doutrina tão nova, tão contraria ás paixões geraes, tão opposta á civilização, ainda muito florescente, dos Gregos e dos Romanos. Todavia, os apóstolos julgaram indigna d'elles esta especie de prudencia, porque conheciam o preceito divino: «Aproveve a Deus salvar pela loucura da prégção aquelles que crêram n'Elle.» (I Cor., I, 21.) Hoje é ainda o mesmo que sempre; esta loucura «para aquelles que se salvam, isto é, para nós, é a força de Deus.» Do mesmo modo como no passado, assim no futuro o escandalo da Cruz nos fornecerá as armas mais poderosas de todas; como outr'ora, assim d'ora ávante será por este signal que nós obteremos a victoria.

Todavia, Veneraveis Irmãos, estas armas perderão a sua efficacia e serão completamente inuteis se se encontrarem em mãos d'homens que não estejam acostumados á vida interior com Christo, que não sejam educados na escola da verdadeira e solida piedade, que não estejam inflamados de zelo pela gloria de Deus e pela propagação do seu reino. Gregorio sentia de tal modo a necessidade de todas estas qualidades, que empregava a maior sollicitude para escolher Bispos e Padres que fossem animados d'um grande desejo de procurar a gloria divina e a verdadeira salvação das almas.

Tal é o fim que elle se propõe no livro intitulado: *Regra pastoral*, onde estão expostas as regras para a formação salutar do clero e para o governo dos Bispos, regras mui bem adaptadas não só a essa epocha, mas tambem á nossa. O mesmo Papa, como escreveu o seu biographo, «á maneira d'um Argus muito esclarecido, lançou em torno de si os olhares da sua pternal sollicitude, abrangendo toda a extensão do mundo» (João Diacono, livro II, c. 55), afim de corrigir immediatamente os defeitos ou as negligencias que descobriu entre o clero. Mais ainda: tremia ao só pensamento de que a barbarie e a corrupção pudessem insinuar-se nos costumes do clero. Se tinha conhecimento de que se fizera qualquer infracção á disciplina da Igreja, experimentava violentas angustias e não podia repousar. Então viam no advertir, corrigir, ameaçar com as penas canonicas os violadores da fé e por vezes applicar esses rigores; vezes varias affastou do seu cargo os indignos, sem demora e sem ter em conta considerações humanas.

Além d'isso, emitia numerosas maximas, que frequentemente se encontram expressas n'estes termos nos seus escriptos: «Com que espirito toma o cargo de mediador do povo junto a Deus aquelle que não tem consciencia de ser familiar da graça pelo merito da sua vida? (Reg. Past.,

I, 10). Se nas suas obras vivem as paixões, com que preumpção se apressa a cuidar da ferida, elle que traz a sua chaga no rosto?» (*Reg., Past.*, I, 6.) Que fructos se poderá esperar das obras das fideis, se os apóstolos da verdade «combatem com os seus costumes o que prégam com as suas palavras?» (*Reg., Past.*, I, II.)

Elle concebe e descreve n'estes termos o modelo do verdadeiro Padre: «E' aquelle que, morrendo para todas as paixões da carne, vive já espiritualmente; que desprezou as prosperidades do mundo; que não teme a adversidade e sómente deseja os thesouros interiores... que não cubica os bens d'outrem, mas distribue generosamente os seus proprios; que é inclinado ao perdão pelas ternuras da piedade, mas que no perdão jámais se afasta do que convém ao direito caminho; aquelle que não faz nada illicito, mas que deplora as faltas commettidas pelos outros como se fossem suas proprias; que compartilha com toda a affeição do seu coração as dôres d'outrem, e se regosija da prosperidade do proximo como faria se se tratasse dos seus interesses; que em tudo o que faz se mostra modelo dos outros, a ponto de não ter nunca que córar deante d'elles, ao menos pelo que diz respeito ás acções exteriores; que estuda viver de tal modo que possa tambem regar os corações avidos dos seus semelhantes com as aguas da doutrina; é aquelle que, pela pratica da oração e por sua propria experiencia, já aprendeu que pôde obter do Senhor o que pede.» (*Reg. Past.*, I, 10).

Que sérias reflexões, Veneraveis Irmãos, deve um Bispo fazer em si mesmo e deante de Deus antes d'impôr as mãos aos novos levitas: «Que nem pelo credito de quem quer que seja», diz Gregorio, nem em consideração das supplicas que lhe dirijam, ouse jámais elevar alguém ás santas ordens, senão aquelle que se mostra digno d'isso pela sua maneira de viver e pelas suas acções. (*Registr.*, V, 63, a todos os Bispos da Grécia). Quanto este mesmo Bispo tem necessidade d'um maduro examã antes de confiar aos Padres de novo ordenados as funcções do apostolado!

Se não foram devidamente experimentados sob a vigilancia de Padres mais experimentados, se não deram numerosas provas d'honestidade da sua vida, da sua inclinação para os exercicios de piedade, da sua firme vontade d'obedecer a todas as regras d'acção suggeridas pelas tradições ecclesiasticas, ou apoiadas n'uma longa experiencia, ou fixadas por aquelles «que o Espirito Santo estabeleceu Bispos para reger a Igreja de Deus» (*Act.*, XX, 28), se não cumprem todas estas condições, exercerão o ministerio sacerdotal não para a salvação, mas para a ruina do povo christão. Com effeito suscitarão discordias, provocarão rebelliões mais ou menos latentes, dando ao mundo o triste espectáculo d'um apparente desaccordo de vontades no nosso conjuncto, quando estes factos deploraveis não devem ser attribuidos senão ao orgulho e á indisciplina d'um pequeno numero. Oh! que sejam completamente afastados de todo o ministerio os fautores de discordias. Com effeito, a Igreja não tem necessidade de taes apóstolos; elles não são apóstolos de Jesus Christo crucificado, mas os apóstolos da sua propria pessoa.

Parece-nos ter sempre presente deante dos olhos a imagem de Gregorio no Concilio pontificio de Latrão, rodeado d'uma corõa de Bispos vindos de toda a parte, assim como de todo o clero de Roma. Quam fecunda é a exhortação que mana de seus labios a respeito dos deveres do clero! Como se consome de zelo o seu coração! O seu discurso, semelhante ao raio, aterra os perversos; as suas palavras são como outros tantos azorragues que sacodem os indolentes; são chammas do amor divino que penetram com suavidade as almas mais fervorosas. Lêde por inteiro, Veneraveis Irmãos, e mandae ao vosso clero que leia e me-

dite, especialmente no retiro annual, esta admiravel homilia de Gregorio (*Homilia sobre o Evangelho*, I, 17).

Com a alma profundamente triste, o mesmo Papa exhala estas queixas: «O mundo está cheio de Padres, mas raramente se encontram os operarios na messe de Deus; porque nós assumimos o ministerio sacerdotal, mas não cumprimos os deveres do nosso cargo.» (*Homilia sobre o Evangelho*, n.º 3.) E, na verdade, como é que a Igreja não teria hoje em si forças accumuladas, se contasse tantos obreiros como Padres? Que fructos abundantes não produziria para os homens a vida sobrenatural da Igreja, se todos se consagrassem a estender os seus beneficios? Gregorio soube pelo seu zelo suscitar na sua epoca este espirito d'acção energica, e pelo impulso que deu, assegurou-lhe a manutenção durante os tempos que se seguiram. Toda a Edade Media, por assim dizer, tem o sello de Gregorio; está reconhecido que, quasi tudo o que foi feito, deve ser attribuido a este Pontifice: as leis ácerca da direcção do clero, as multiplices formas da caridade e da beneficencia nas instituições sociaes, os principios d'uma ascetica mais perfeita e as regras da vida monastica, e emfim a regularisação da liturgia e do canto sagrado.

Os tempos certamente são bem differentes. Mas, como temos repetido differentes vezes, nada mudou na vida da Igreja. Ella herdou do seu divino fundador uma virtude tal que em todas as edades, por dissemelhantes que sejam, pôde não sómente prover ao bem das almas, o que é proprio da sua missão, mas tambem contribuir muito para o progresso da civilisação, o que é como uma consequencia da propria natureza do seu ministerio.

E', com effeito, impossivel, que as verdades divinamente reveladas, de que a Igreja é depositaria, não façam tambem progredir poderosamente tudo o que é verdadeiro, bom e bello na ordem natural, e isto com uma effiacia tanto maior que taes verdades se ligam mais effizamente ao principio supremo de toda a verdade, de toda a bondade e de toda a belleza, qua é Deus.

A sciencia humana aproveita n'uma larga escala da revelação, seja porque esta abre novos horisontes e faz conhecer claramente outras verdades d'ordem simplesmente natural, seja porque traça o verdadeiro caminho á investigação e afasta os erros d'applicação e de methodo. Assim é um pharol luminoso, que brilha no porto, illuminando, para os navegantes que vagueiam de noite, muitos objectos que, sem elle, ficariam mergulhados na treva, prevenindo-os para evitarem os escolhos sobre os quaes o navio iria cair e naufragar.

E em materia de disciplina moral, pois que o divino Redemptor nos propõe como modelo supremo da perfeição seu Pae celeste (*Math.*, V, 48), isto é a propria bondade divina, quem não vê claramente que impulsos a revelação nos dá para fazer observar cada vez mais perfeitamente a lei natural inscripta em todos os corações, de tal modo que augmenta perpetuamente o bem estar do individuo, da familia e emfim da sociedade universal? Foi certamente graças a esta força que a ferocidade dos barbaros se mudou para costumes civilisados, que a mulher recobrou a sua dignidade aviltada, que o jugo da escravidão foi quebrado, que a ordem foi restabelecida pelo justo equilibrio dos laços que unem entre si as diversas classes sociaes, que a justiça foi posta em vigor, a verdadeira liberdade das almas proclamada e assegurada a paz domestica e social.

As artes emfim, elevando-se para o modelo eterno de toda a belleza, que é Deus, d'onde dimana o esplendor da natureza, afastam-se mais facilmente das correntes vulgares e exprimem muito mais poderosamente a ideia concebida pelo espirito, que é o em que consiste a vida da arte. Mal se pôde dizer quam fecundo é em abenço-



fructos o só principio de consagrar as artes ao serviço do culto, e assim offerecer ao Senhor tudo o que ellas apresentam de mais digno pela sua riqueza, pelo encanto e elegancia das fórmulas. Tal é a origem da arte sagrada, que é a base sobre a qual se apoiou e apoia ainda toda a arte profana.

Nós tratamos recentemente este assumpto n'um *Motu proprio* especial, consagrado á restauração do canto romano, segundo a antiga tradição, e á musica sacra. Mas estas mesmas regras applicam-se tambem ás outras artes, segundo a materia propria de cada uma, pois que o que se diz do canto convém egualmente á pintura, á escultura, á architectura, a todas essas nobres manifestações do genio humano que a Igreja, em todos os tempos, se aprouve em fazer nascer e sustentar. Toda a humanidade, nutrida por este sublime ideal, edifica templos grandiosos; na casa de Deus, como na sua propria casa, os espiritos elevam-se até ás coisas celestes por meio das esplendidas riquezas de todas as artes e por meio das augustas ceremonias liturgicas e dos cantos mais suaves.

Todos estes beneficios, como Nós dissemos, a acção do Pontífice S. Gregorio os soube assegurar á sua epoca e aos seculos seguintes. Pela efficacia intrinseca dos principios aos quaes devemos recorrer e dos meios que temos entre mãos, ser-nos ha possível obter ainda hoje os mesmos resultados, mantendo com todo o nosso zelo o bem que se pôde conservar, por graça de Deus, «restaurando em Christo» (*Ad Ephes.*, I, 10) as instituições que por desgraça, se desviaram do recto caminho.

Apraz Nos terminar esta carta pelas mesmas palavras que S. Gregorio dá como conclusão á sua memoravel exhortação no Concilio de Latrão: «Vós deveis, oh meus Irmãos, meditar estas verdades com toda a vossa sollicitude e prepo-las ao mesmo tempo ao vosso proximo: preparae-vos para dar a Deus o fructo do ministerio que recebestes. Mas o que dizemos, obtel-o-hemos de vós melhor pela oração do que pelo discurso. Oremus: O' Deus, por vontade de quem nós fomos chamados a ser o pastor do povo, concedei-nos, nós vo-lo supplicamos, que possamos ser deante das vossas vistas taes como somos pintados pelos labios humanos.» (*Homelia citada*, n.º 18.)

E como temos confiança d'obter de Deus que, na sua bondade, ouça a Nossa prece, por intervenção do santo Pontífice Gregorio, como penhor dos favores celestes e em testemunho da Nossa paternal benevolencia, concedemos de todo a coração a benção apostolica a todos vós, Veneraveis Irmãos, ao vosso clero e ao vosso povo.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, aos 12 de março do anno de 1904, na festa de S. Gregorio I, Papa e Doutor da Igreja, primeiro anno, versão do Nosso pontificado.

PIO X, PAPA.

FLORES A MARIA

## Um milagre em Lourdes

(Conclusão)

Nós porém não somos mathematicos, e falando como clinicos, como homens da experiencia e da pratica, devemos confessar que a cura estava fóra de todas as previsões possíveis. Uma doença de peito que invadiu progressivamente uma economia, que desde ha tres annos avança n'uma ascendencia fatal, que triumphava de toda a resistencia organica, não pôde sustentar-se de per si mesma.

E dizemos mais:

Sub qualquer ponto de vista que alguém se colloque,

que alguém falle da possibilidade relativa ou da possibilidade absoluta, que discuta como mathematico ou como medico, uma cura instantanea, completa, que apague em alguns segundos todos os vestigios da doença, é absolutamente impossível.

Em uma das suas visitas ao convento, o proprio Dr. Pomarel contára um dia ter ouvido falar de uma doente de Saintes (1), paralytica desde ha muitos mezes, que fóra subitamente curada em Lourdes. Este nome de Lourdes, pronunciado deante de Soror Juliana, fez-lhe despertar na alma a intima convicção de que havia de ser curada alli.

Mas, (coisa extranha!) esta mesma certeza impedia-a de exprimir qualquer desejo n'este sentido. Uma companheira sua na enfermaria instigava-a á realisção da viagem (2); uma ou outra vez, o medico fallava do assumpto; a superiora interrogava-a sobre ir ou não a Lourdes, e ella, principal interessada, a tudo isto se mostrava indifferente.

Um jesuita, de Ruão, o Padre Duponchel, vindo ao convento a prégar um retiro, foi confessal-a á enfermaria, e disse-lhe que devia submeter-se á vontade da superiora, e fazer a peregrinação a Lourdes. Passava-se isto a 14 d'agosto. «Mas se lá vou, disse Soror Juliana, eu heide vir curada.—Pois vá, e venha curada», rematou o confessor, e desde esse momento a viagem ficou decidida.

No entanto, o Dr. Pomarel só fallára em Lourdes para distrahir a preoccupação da doente e das mais pessoas da casa, sem jámais pensar na exequibilidade de semelhante viagem.

A' primeira proposta julgou o doutor carecer de avir-se com um mero capricho de doente. «Se lhe convém uma peregrinação, observa-lhe o Doutor, ahí a tem bem perto nas grutas de Santo Antonio, nos arredores da cidade (3).

Transportada ahí, deitada n'uma carruagem, regressára deveras abatida pela gravidade do canção.

A's instancias repetidas das Religiosas cedeu por fim o facultativo, e propõe-se desde já regularisar os preparativos da viagem, exigindo um compartimento de primeira classe e acompanhando elle mesmo a enferma á estação. Soror Juliana deseja partir n'um sabbado, dia consagrado á Santissima Virgem.

Na vespera pretenderam vel-a muitas damas de Brive; veio a enferma recebel-as ao mesmo aposento, onde, pela Paschoa, recebera sua mãe, mas sem que alli se podesse demorar senão uns breves instantes, urgindo recolher-se ao leito. As Religiosas, á noite, vieram apresentar-lhe as despedidas e confiar-lhe varias recommendações para Lourdes, mal podendo ella falar-lhes, e não sabemos mesmo se ouvil-as.

No sabbado, 1.º de setembro, descem-na á capella, pelas quatro horas da madrugada, a receber a sagrada Communhão, amparada pelas duas companheiros de jornada, a Irmã porteira e uma senhora de Brive, que se promptificou a acompanhal-a.

A communhão era por viático: a enferma, humanamente falando, tocava os limiares da eternidade.

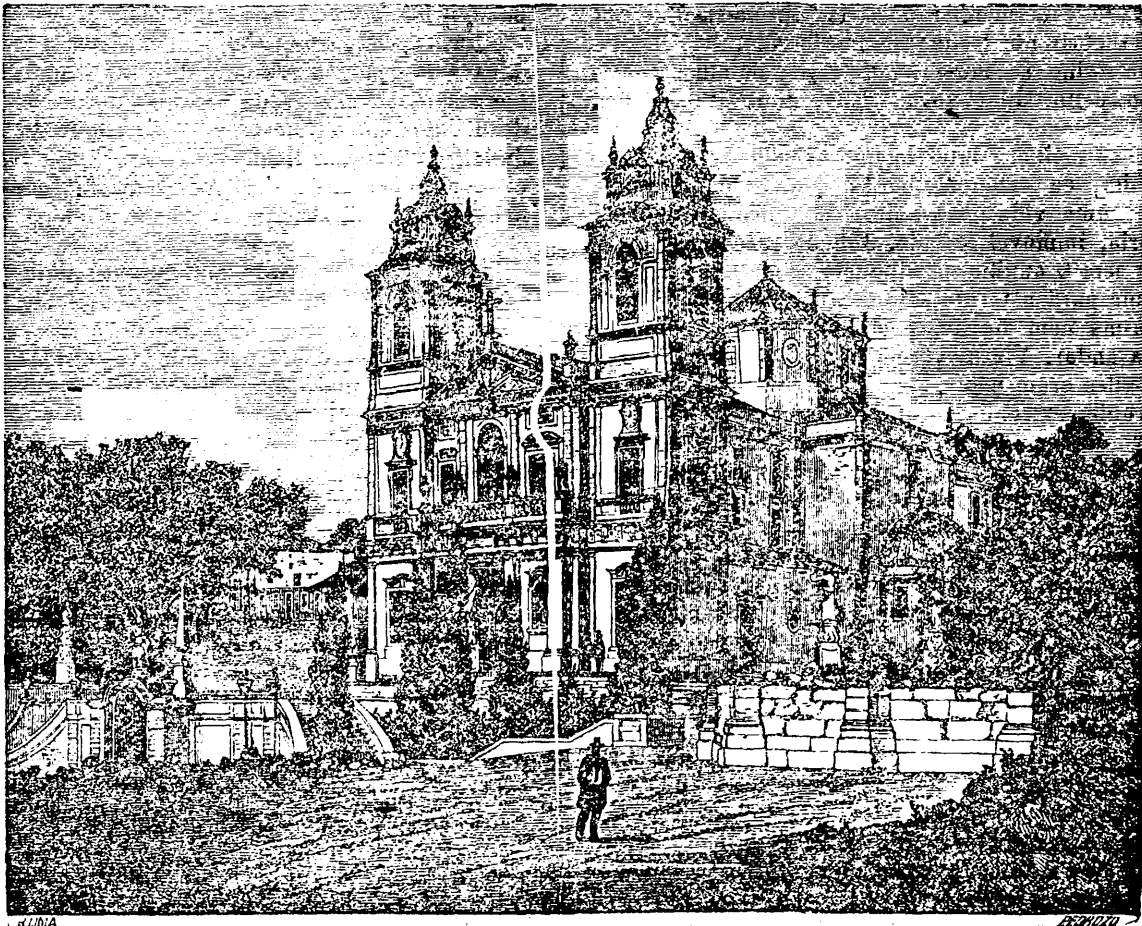
Na gare, aonde chega a carruagem para tomar o comboio das cinco horas, um carregador ao transportal-a ao wagon e ao vól-a tão desfigurada, exclama:

«Estão doidas estas senhoras freiras, não deviam con-

(1) Saintes, cidade franceza, no departamento do *Charente inferior*, algumas leguas a noroeste de Brive.

(2) A viagem de Brive (no departamento de Corrèze) até Lourdes é de cerca de 330 kilometros.

(3) Estas grutas de grande veneração popular, foram, segundo a tradição, habitadas pelo grande Thaumaturgo no tempo em que evangelizou n'estas regiões.



Braga—Egreja do Bom Jesus do Monte

sentir n'uma temeridade como esta; á vinda cõtem receber-lhe o cadaver.»

Até á cidade de Tolosa conservou-se sem soltar uma palavra e n'um quasi desmaio. Ahi, houve que ser levada á sala de espera. A essa hora passava na estação a peregrinação marselhesa, e o snr. Arcebispo d'Albi, que lhe presidia, demorou-se a acompanhar a enferma, da qual os peregrinos se affastavam movidos de compaixão e de respeito. Uma dama humectou-lhe os labios com agua da Gruta, o que pareceu communicar-lhe algum alento.

De Tolosa a Lourdes é a viagem um pouco menos custosa. No entanto, em Lourdes, ao aprear do trem, a porteira das carmelitas, que se adiantou á comunidade, recúa espavorida mal lhe põe os olhos.

«De modo algum a recolheriamos, disse ella, se houveramos sabido que vinha assim doente. Uma vez no convento, logo foi prevenido o capellão para durante a noite se dispôr a dar-lhe os ultimos sacramentos. E, certo, aquella noite foi uma das mais tormentosas, com suffocações continuas, assustadoras.

Estamos no domingo, 2 de setembro, pela manhã. Soror Juliana ainda não pode tomar o menor alimento. Dão-lhe uns golles de caldo, e a porteira toma-a nos braços para a subir á carruagem.

«Não ha que ver, não volta cá mais!» suspirou ao vel-a partir. Tres pessoas a acompanham á gruta; descancam-na sobre um banco, amparando-a cuidadosamente por todos os lados. Nem póde orar, nem póde pensar. Está no fim. A custo envia olhar moribundo para a estatua da Virgem.

Momentos depois, um caridoso maqueiro <sup>(1)</sup> depõe-na suavemente na carruagem de mão para a conduzir á piscina, onde a aguarda um novo impedimento.

Em Brive oppunha-se o Dr. Pomarel a deixal-a partir; o carregador obstina-se em a não levar ao trem. Aqui as Carmelitas a custo se animam a hospedala; agora, as damas, encarregadas das piscinas, esquivam-se á responsabilidade da applicação do banho.

«E' uma tuberculosa que nos trazem, exclamam, e no ultimo grau: não damos banho a doentes assim; o que faremos é passar-lhe uma esponja. Para mais, temos que receber auctorisação cathorica do facultativo.»

Observam-lhes que ha o consentimento do medico; supplicam, instam. «Pois bem, replicam as damas, fiquem conosco. A responsabilidade do acto pertence-lhes, a nós não.»

Despem lentamente a pobre moribunda, que alli está immovel, sem fala, quasi sem accôrdo, orvalhada de suor.

Soerguem-na para a mergulhar na piscina, e no instante em que ella toca a agua, a bocca entreabre-se-lhe e assim permanece; um sôpro ténue expira-lhe nos labios; a pallidez é genuinamente cadaverica.

Julgam ter fallecido, e retiram-na immediatamente,

(1) Entre as innumeras instituições, documento brilhantissimo de fé, que se admiram em Lourdes, não é de certo das menos sympathicas a dos Maqueiros (*brancardiers*) que se incumbem de transportar e velar com notavel caridade os milhares de doentes que quotidianamente affluem aquella privilegiada estancia. E' constituida por jovens vigorosos, das mais distinctas familias de França, em actividade continua nas grandes peregrinações ao Sanctuario de Maria.

sem que a agua ao menos lhe tivesse humedecido o lado esquerdo. Amparam-na no degrau que precede a piscina. Uma ansiedade cruel senhoreia-se das circumstantes, sollicitas em descobrir um frouxo signal de vida.

Colorem-se-lhe as faces ao de leve; os olhos entreabrem-se; o peito dilata-se... Ella, endireita-se; fica de pé.

— «Sente-se melhor? interrogam.

— «Oh! sim, eu estou melhor!» e, de subito, o olhar esclarece-se; uma vida nova anima essa physionomia até então sombria, immovel, gelada. Juliana recusa sentar-se; veste-se sem o auxilio de ninguem, e tenta andar, disposta a seguir para a Gruta sem carecer de apoio.

«Achava-me com forças, declarou ella, e no entanto eu não sabia andar. Via moverem-se-me os pés e interrogava-me se elles eram meus.

«Indifferente, extranha ao que se passava em redor de mim, o povo, ao eu sair da piscina, rodeia-me e comprime-se deante de meus passos. Eu, no entanto, estava serena, e pude chegar á Gruta, permanecer alli de joelhos, em oração, durante meia hora.»

«O prégador, do pulpito, indigita-me ao auditorio, e exclama: «La falar-vos do valimento de Maria: olha essa que ahi passa; a sua presença dir-vos-ha muito mais que as minhas palavras.»

«Ouvem-se as melodias do *Magnificat*, e prestes, para subtrahirem-me ao enthusiasmo e á curiosidade dos peregrinos, mandam-me subir á carruagem e seguir para as carmelitas. Entro rapidamente n'essa carruagem que momentos antes me transportara agonizante. Nas carmelitas, cercam-me as rodeiras; todas as Religiosas descem ao locutorio, e com ellas dirijo-me á capella, a orar em acção de graças. E' meio dia; nenhum alimento havia tomado ainda; assento-me á mesa, e, pela primeira vez, ha mais de um anno, tenho a doce consolação de servir-me de uma refeição regular, pois de janeiro a setembro nada me era permitido afóra caldos e leite.

«De tarde, volto a pé á Gruta, urgindo aproveitar-me ainda da carruagem para não ser abafada pelo povo, em tórno de mim n'uma onda compacta.

«No dia seguinte fui auscultada, interrogada, examinada com rigoroso cuidado, pelo Dr. Saint-Maclou. Ao lado d'elle via-se um medico de Béziers, e ambos, unanimes, declararam não encontrar vestigios da doença anterior.

«No momento da minha cura na piscina, não senti impressão alguma; durante o dia porém atormentaram-me dores violentas e contracções do peito. Os pés, desacostumados de andar, incharam-me durante alguns dias.»

Por este mesmo tempo, em Brive, na communitade das Ursulinas, orava-se noite e dia; recitava-se o Rosario na capella com os braços em cruz.

No domingo, ao meio dia, chega o primeiro telegramma que deixa entrever a cura, e á tarde é o medico portador de um outro que desfaz todas as duvidas. O medico de Lourdes telegraphara ao seu collega: «Noticia consoladora! Mande-me parecer ácerca da doente.»

Na sexta-feira seguinte, o Dr. Pomarel vem ao encontro de Soror Juliana até á primeira estação, e apressa-se a verificar essa cura inexplicavel e inesperada para elle. Examina a sua cliente, tateia-lhe o pulso, exige-lhe alguns passos no wagon... e, perante a evidencia, não podendo conter sua emoção, dá livre curso ás lagrimas que lhe banham as faces,

Em Brive, ao apeiar do trem, o Doutor vae procurar o carregador que assistiu á partida, e este, estupefacto, recua ao attentar na Religiosa, agil, cheia de vigor.

Uma multidão enorme enche a avenida da estação, e a Religiosa não se anima a descer. Tomam-na n'uma carruagem, para a livrar mais uma vez do aperto popular,

causado por um enthusiasmo delirante. A' porta do convento encontra ella o pateo e a capella a abarrotar de povo, urgindo vivo esforço para atravessar pelo meio d'elle.

Na capella, enquanto se entoava o *Magnificat* e se dava a Benção, houve que abrir as cortinas da clausura, facto que apenas se dá em dias de procissão ou tomada de habito, para que o povo as não espedaçasse. Soror Juliana, n'um genuflectorio, á frente das Religiosas, chorava de gratidão e emoção. Concluida a cerimonia, reunem-se na sala da communitade, e ahi, deante de todas as Irmãs, em presença do medico e do capellão, a miraculada, ponto por ponto, narra os prodigios da sua cura.

E os leitores do *Progresso Catholico*, saudando jubilosos a Rainha dos Céus e da terra, a *Saude dos enfermos*, a *Consoladora dos afflictos*, roguem-lhe no mais vivo fervor de suas almas, que se digne ser o *Refugio dos peccadores*, abrindo os olhos a tantos infelizes materialistas, que obstinadamente resistem a essas esplendorosas manifestações com que, nos tempos actuaes, a divina misericordia por medos extraordinarios torna evidente a existencia de regiões onde nos aguarda uma eternidade feliz, se formos fieis aos suaves mandados que nos preceituou, contidos no archivo da Igreja, a quem está legitimamente confiada a missão de ensinar e o poder de julgar.

E. I.

AS NOSSAS GRAVURAS

## Braga—Egreja e hospital de S. Marcos

Braga está na ordem do dia. As festas sumptuosissimas com que vae festejar a Immaculada Conceição fazem atrahir para ahi agora as attentões do Portugal catholico.

Com esse fim damos hoje as vistas de dois notaveis monumentos bracarense. Foi fundador do hospital de S. Marcos, pelos annos de 1503, o Arcebispo Primaz D. Diogo de Souza, que, juntando os rendimentos de tres pequenos hospitaes que havia na cidade, e addicionando-lhe varios outros proventos, o dotou convenientemente, encarregando a sua administração ao senado, ou camara municipal, conservando-se assim administrado até ao anno de 1559, em que o Arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres a confiou á irmandade da Misericordia, que até hoje tem sido a administradora do vasto edificio.

Com o andar do tempo cresceram os rendimentos, tornou-se acanhado o hospital para as necessidades da cidade, e tentou-se uma reedificação mais ampla e mais em harmonia com as condições d'uma cidade de segunda ordem. Não se reedificou o antigo, mas deu se principio a uma nova edificação do actual hospital, ahi pelos annos de 1770 a 1780, concluindo-se em 1836.

Levanta-se este elegante edificio na praça dos Remedios, tendo ao centro o templo ornado com quatro columnas e cinco estatuas, e ladeado pelas duas partes do hospital coroadas tambem de estatuas. A igreja é d'uma só nave, e tem magnifica obra de talha dourada.

Depois da extincção dos dizimos, ficou o hospital de S. Marcos reduzido aos juros que recebe, aos legados não cumpridos e ás esmolas que lhe são doadas. Tem doze enfermarias e pharmacia, e o serviço é hoje feito pelas benemeritas Irmãs Hospitaleiras. Este hospital é um dos melhores do paiz.

## Braga—Egreja do Bom Jesus do Monte

Quem ha por ahi que não tenha visto e admirado a mais



bellissima estancia do nosso pittoresco Minho, quer como simples *touriste*, quer cumprindo piedosas tradições dos nossos maiores? Cremos que ninguém, e demais têm agora optima occasião, acompanhando a grande peregrinação nacional á Virgem do Sameiro. Agora, que um fremito de entusiasmo empolga todos os catholicos portuguezes, estas formosas estancias do nosso Portugal serão de sobejo visitadas e admiradas.

Em 1494, D. Jorge da Costa, Arcebispo de Braga mandou edificar uma capellinha sob a invocação de Santa Cruz, quasi na cuspide do monte Espinho. A devoção dos fieis não tardou a tornar aquelle deserto visitado de romeiros não só das visinhanças como tambem de terras distantes.

Em 1522, morto já o fundador, reedificou a capella, que se arruinara, o Deão da Sé de Braga, D. João da Guarda, e não só a reedificou, mas a ampliou bastante.

A devoção foi afrouxando e, passado um seculo, a capella arruinou-se de novo. Foi n'essa occasião que alguns devotos, á custa de esmolas, a reedificaram de novamente e instituiram uma confraria.

Assim principiarão as obras para este grandioso monumento, o mais notavel d'entre todos os santuarios de Portugal.

O Arcebispo D. Rodrigo de Moura foi um dos bemfeitores do Bom Jesus do Monte, e depois d'elle D. Gaspar de Bragança, filho bastardo de D. João V, e que tambem occupou a cadeira primacial de Braga.

A igreja foi principiada em 1784, e concluida em 1811. O interior é grandioso, desafogado e com muitas janellas, tem quatro altares de cada lado no corpo da igreja, e no cruzeiro duas capellas e dois altares, n'um dos quaes se guarda e venera o corpo de S. Clemente, martyr. Possui este templo muitas outras reliquias. No altar-mór admira-se a scena do Calvario, bem figurada e de bello effeito, sob elegante baldaquino, que se parece com o de S. Vicente do Fóra, em Lisboa. A imagem de Christo, que está no Calvario, foi feita em Roma por mandado do arcebispo D. Gaspar de Bragança, em 1776. As paredes das sacristias são adornadas de retratos de pessoas que mais tem beneficiado o sanctuario.

Em frente da igreja estende-se um espaço largo, ornado com estatuas, e é d'este logar que se goza um panorama lindissimo.

São sem conto os melhoramentos que n'estes ultimos annos aqui se tem realisado.

MUSA HUMORISTICA

### Positivismo

Eil-a sciencia mais ingente e funda  
Que n'estes tempos em doutrina abunda:  
Ensina a todos n'um sorrir jucundo,  
E tudo explica com saber profundo!  
Não é sciencia que de si duvide  
Nem que entre as outras ao fallar trepide:  
De mais sabe ella que não tem segunda  
Cá sobre a esphera que de luz innunda!  
E tal sabendo, sem temor propaga  
O seu ensino que ao contrario esmaga!

O' sciencia das sciencias,  
Que amarras as consciencias  
A esse ensino archisabio,  
Que só diz bem no teu labio!  
Quem pensasse em desmentir te  
Seria indigno de ouvir-te;

Porque as tuas asserções  
Zombam das contradicções,  
E ninguém pode negar-te  
O saber... em toda a parte!  
Mas oiçamos um pedaço  
Da tua logica de aço...  
E' assim que á população  
Costumas fallar na praça:

— Aprendei de mim, ó povos,  
A cantar canticos novos;  
Mas ouvi-me attentamente,  
Que a materia é transcendente:  
Começarei por dizer vos  
Que todo o homem tem nervos,  
Porque já os tenho visto  
Nas autopsias a que assisto:  
E tambem posso affirmar-vos  
Que os expertos não são parvos.

— Quem será esta senhora  
Tão joven como doutora?  
Diz em grita a multidão  
Abysmada até ao chão...

— Eu sou, ri ella, a sciencia  
Que não mente á consciencia,  
Ou de Prozerpina ativa  
A «Sciencia Positiva»;  
A senga que ao mundo ensina  
Que no pinheiro ha rezina,  
A que não teme affirmar  
Que é salgado o alto mar,  
Aquella que apenas crê  
No que palpa e no que vê;  
Porque ha por hi verdadinha  
Que não vale uma sardinha:  
Dizer que ha divos, deidades,  
São pequeninas verdades;  
Mas affirmar que ha limões,  
Tomates, cidras, melões,  
E que uvas não são abrunhos,  
São verdades como punhos!...

— Penelope, Sapho e Dido,  
Torna o povo confundido,  
Nunca tiveram metade  
Do teu saber, ó heldade!

— A vossa justa asserção  
Não teme contradicção,  
Sorri ella sem vaidade,  
Porque só diz a verdade;  
E a verdade é sobranceira  
A' contradicção arteira.

— Sim, geme um prudente velho  
Que lia no Evangelho;  
Mas já que escutado temos  
O que todos nós sabemos,  
Deveis agora fallar-nos  
Para melhor agradar-nos,  
Dos orbes que na amplidão  
Fulguram com profusão,  
Bem como do seu Auctor  
Ou supremo Architector;  
Dizer-nos o que pensaes  
Das auroras boreaes...  
E d'outros muitos luzeiros

Que, incansáveis viageiros,  
Volitam por esse espaço  
De que ideia apenas faço.  
E depois d'isto, dizer-nos,  
Para mais embevecer-nos,  
O que pensaes do dragão  
Que ao Martyr da redempção  
— Por imperios a valer —  
Um dia quiz corromper,  
Como se ao Poder eterno  
Que faz tremer o inferno  
Fôra possível tentar,  
Ou fazel-o vacillar  
Como á fragil creatura  
Que, á beira da sepultura,  
Se ao céu não consegue alar-se,  
Ainda pôde abysmar-se!...

— Honrado velho d'uma crença escura,  
Diz a doutora com fallaz brandura,  
Eu te bemdigo, como aos teus adeptos,  
Amigos simples, genros, filhos, netos;  
Mas sobre os pontos a que sou chamada  
Tenho a dizer-vos que não digo nada;  
Porque no espaço apenas lumes vejo,  
Eternos soes em perennal cortejo;  
Nos Architectos... vejo o Deus-Natura,  
Perpetuo accaso de infinita dura;  
E n'esse drago que tremer vos faz  
Vejo a trapaça que desfeita jáz...  
Infernos, céus... tudo isso é pura leria  
Assaz impropria para gente seria!...  
E tal dizendo, se ficou sorrindo  
Como credora d'um louvor infindo.

Mas o velho, a voz erguendo,  
Fita o povo e diz tremendo:  
— Que um porco não é um cão  
Nem um cabrito, um leitão,  
Isso já nós cá sabemos,  
Agora o que nós queriamos  
Era ouvil-a francamente  
Em materia transcendente;  
Mas já vimos que o que ensina  
E' proprio de Prozerpina!...

— E' verdade, apoia o povo,  
Mais diz o velho que o novo!  
E todos nós, quasi em massa,  
A tel-a por uma graça!...

— Vamos, rapazes! Não se illudam mais,  
Torna o bom velho, com doutoras taes!  
E quer aquillo alardear sabença,  
Maldita seja a pertinaz descrença!  
E n'isto todos a deixaram só,  
Tão mesta e joven que metterá dó  
A quem, ao crel-a negação vulgar,  
N'ella não vira o pantheismo alvar!

ALVES D'ALMEIDA.

DE TUDO UM POUCO

## Amor de mãe

Haverá na terra amor mais puro, mais ideal? Cantado  
por todos os poetas, immortalizado por todos os artistas,

quer no marmore, quer na tela, quem ha que não conheça esta verdade?

A nossa santa religião dá-nos na Mãe do Redemptor o mais sublime exemplar do amor maternal.

A SS. Virgem em Bethlem, em Nazareth, no Golgotha deu nos as mais salutaes lições do seu extremoso amor a seu filho, Jesus.

Tem-se escripto poesias, tem-se pintado telas geniaes e burilado marmores animados em sua honra; no entanto, uma singella historia de Mario Proth diz tanto ou mais sobre o amor de mãe que tudo isto.

Leiam-na e apreciem a delicadeza do pensamento:

Um rapaz fraco amava doidamente uma mulher má.

— Amas-me muito? perguntou-lhe ella.

— Se te amo!

— Mais do que tudo?

— Mais do que tudo!

— Mais do que tua mãe?

— Mais do que minha mãe.

— E estás prompto a provar m'?

— Estou.

— Então, vae a tua casa, mata a tua mãe, arranca-lhe o coração, tral-o aqui, e amar-te-hei.

O rapaz, allucinado, doido de amor, corre a casa, mata sua mãe, arranca-lhe o coração, embrulha-o n'um lenço e vem a correr trazel-o a sua amada.

No caminho, porém, tropeça e cae.

E de dentro do lenço ouve uma voz, a do coração de sua mãe, que lhe perguntava cheia de cuidadosa ternura: Magoaste-te, filho?

### Calendario:

Junho
1
1904

Primeiros ensaios da vaccina contra a variola, por Jenner, em 1800.

Eduardo Jenner nasceu no dia 17 de maio de 1749, em Berkley, na Inglaterra, e começou a estudar medicina com um cirurgião de Sudbury, indo depois para Londres continuar os seus estudos.

Ahi travou conhecimento com o dr. Hunter, celebre anatomista, sendo por isso nomeado para classificar os materiaes de historia natural que o afamado Cook trouxera das suas viagens.

Aureolado d'uma enorme reputação de medico distincto, voltou para a sua terra natal, e ahi então começou a entrever a descoberta que lhe devia dar o logar immortal d'um dos maiores benemeritos da humanidade.

Tendo conhecimento por intermedio dos camponezes da força preservativa que tinha contra as bexigas esses botões que se formam no ubere das vaccas atacadas de epizootia, elle, apoz um trabalho assiduo de treze annos, convenceu-se a final da efficacia do «cow pox» contra a variola.

Porém só em 1800 é que ousou fazer a sua primeira experiencia, proporcionando-lhe ensejo uma epizootia que então grassava no gado.

Como sempre em casos congeneres, custou muito a ser reconhecido o novo invento.

O principal jornal medico d'então, a «Philosophical Transactions,» recusou publicar a sua memoria a este respeito, vendo-se obrigado a publical-a n'um escripto que intitulou *Inquiry into the causes and effects of the variole vaccine.*

Foi então que, acolhida a sua descoberta com o maior entusiasmo por toda a Europa e America, recebeu mercadamente as grandes honras de bemfeitor da humanidade.

E assim não lhe escassearam as recompensas, pois que

em 1802 recebeu dez mil libras e em 1807 vinte mil como recompensa nacional.

Morreu Jenner a 26 de janeiro de 1823.

#### Curiosidades:

As principaes festas com que a Igreja honra Maria são as seguintes: 1.<sup>a</sup> A Immaculada Conceição a 8 de dezembro; 2.<sup>a</sup> a Natividade a 8 de setembro; 3.<sup>a</sup> a Apresentação a 21 de novembro; 4.<sup>a</sup> os Desposorios a 23 de janeiro; 5.<sup>a</sup> a Anunciação a 25 de março; 6.<sup>a</sup> a Visitação a 2 de julho; 7.<sup>a</sup> a Purificação a 2 de fevereiro; 8.<sup>a</sup> a Assumpção a 15 de agosto. Além d'estas festas principaes ha um grande numero de outras particulares celebradas pelas ordens religiosas que tomaram a Virgem por padroeira, como os carmelitas, os cartuxos, etc.

As mais notaveis aparições da Virgem são aquellas com que honrou S. João Evangelista, S. Gregorio Thaumaturgo, S. Mercurio, S. Basilio, S. Cyrillo, e n'estes ultimos tempos os pequenos pastores de La Salette, e a joven Bernardette de Lourdes.

#### Notas de sciencia:

No asylo de Sant'Anna, em Paris, nos subterraneos do pavilhão de cirurgia, o dr. Dogonet estuda a evolução do cancro nos animaes. Diversas especies teem sido sujeitas ás experiencias, mas as que melhor se prestam são os ratos; as cobayas são refractarias á doença. Os resultados d'estas experiencias teem sido muito concludentes.

A evolução da doença em média dura 3 mezes, durante os quaes o animal está em observação. Ao fim d'elles apresenta grandes enfartamentos cancerosos cuja natureza não fica em duvida quando sujeitos ao exame histologico. O virus inoculado provém da ablação de tumores feita aos doentes. O dr. Dogonet espera descobrir por este meio o soro anti-canceroso.

#### Pensamentos:

Maria é a dispensadora do Pão Celeste.—*S. Boaventura.*

Todas as excellencias se devem attribuir a Maria, não estando em contrario os Santos Padres ou a Igreja.—*Duns Scotto.*

Maria excede tanto a natureza humana e angelica em gloria, como a circumferencia do universo o seu centro.—*S. Bernardino de Sena.*

O reino de Maria é tão vasto como o da Trindade.—*S. Bernarmino de Sena.*

Eis a ordem estabelcida por Deus na distribuição dos dons celestes: a graça dimana de Deus na alma santissima de Christo para se diffundir na de Maria, d'onde se derrama sobre os seraphins e sobre as creaturas racionais.—*S. Bernardino de Sena.*

#### Versos escolhidos:

##### Mater dolorosa

Quando se fez ao largo a nave escura,  
Na praia essa mulher ficou chorando,  
No doloroso aspecto figurando  
A lacrimosa estatua da amargura.

Dos céus a curva era tranquilla e pura;  
Das gementes alcyones o bando  
Via-se ao longe, em circulos, voando  
Dos mares sobre a cêrula planura.

Nas ondas se atufara o sol radioso,  
E a lua succedera, astro mavioso,  
De alvor banhando os alcantis das fragas...

E aquella pobre mãe, não dando conta  
Que o sol morrera, e o luar desponta,  
A vista embebe na amplidão das vagas...

GONÇALVES CRESPO.

#### Humorismos:

—Qual é a razão porque um Padre nunca chega aos cem annos?

—E' porque então deixava de ser Padre para ser... secular.

#### RETROSPECTO DA QUINZENA

Agora que todas as vistas se alçam para Braga, a Roma portugueza, em virtude das festas esplendorosas que ahi se vão celebrar, em commemoração do quinquagesimo anniversario da declaração dogmatica da Immaculada Conceição, era justo que, pelo motivo da actualidade, convergissemos as nossas attentões para a cidade catholica por excellencia, estampando o que ella tem de mais grato aos nossos corações religiosos.

Foi por isso que consagramos este n.º a Braga, publicando o retrato do seu illustre Antistite, e vistas d'alguns monumentos seus.

Quizemos ainda por este meio levantar os espiritos catholicos para esta grande manifestação dos portuguezes em honra de Maria Immaculada.

A Braga, pois!

Por estes dias será distribuido o n.º do *Progresso Catholico* consagrado ás festas da Immaculada Conceição.

Primorosamente illustrado com finissimas gravuras e superiormente collaborado pelos nossos principaes escriptores catholicos, é como que um brinde que nós offerecemos aos nossos estimaveis assignantes.

Pela nossa parte, é o melhor ramalhete de flores que poderemos depôr aos pés da Virgem do Sameiro.

Pio X, na visita que lhe fizeram os snrs. Luiz Dinier e o deputado Padre Delarbre, fallando da attitude dos catholicos francezes, disse o seguinte:

«Primeiro que tudo recomendo a acção.

Todo o catholico deve occupar-se de politica e todo o catholico deve ser homem de acção.

Nos tempos irrequietos que atravessamos, não comprehendemos o seu devar quem não quer saber de assumptos politicos.

Legitimistas, orleanistas, bonapartistas ou republicanos, devem, primeiro que tudo, luctar pela conservação das liberdades em geral, e muito principalmente da liberdade religiosa.

Devem prescindir das suas opiniões pessoaes e unir-se em frente do perigo religioso.

Parece que vos causa terror a separação da Igreja e do Estado.

A mim, não.

O furacão da perseguição, que se desencadeou sobre a França, passará! E' providencial. Servirá para engrandecer o clero e confirmar na fé os crentes.

Não vos atemorise a tempestade; ella vos traz a força e, com a força, a união que assegurará o triumpho.

Porém Deus não dá o bom exito senão aos homens de boa vontade.

Sómente a lucta proporciona a victoria.

Acção, acção e mais acção.»

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, o Sr. D. Antonio Barroso, venerando Bispo do Porto, tenciona recommençar a sua visita pastoral no dia 22 de junho, pelas freguezias de beira-rio, de Entre-os-Rios para o Porto.

Naturalmente Pedorido, Cebolido, Lomba, Melres, Mêdas e seguintes do concelho de Gondomar, onde Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> é esperado no dia 2 de julho, para assistir ás festas do Sagrado Coração de Jesus.

N'este concelho de Gondomar preparam se ruidosos festejos em honra do illustre Prelado.

S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. D. Theotónio, venerando Bispo de Meliapor, devia ter sahido no dia 14 de Bombaim com destino a Portugal. Sabemos que o illustre Prelado tenciona ir a Ortona, Turim, Nice, Paris, Angers e Lourdes, tendo em algumas d'estas cidades de tratar de negocios da diocese. Provavelmente só em julho chegará a Portugal.

Foram encerradas as côrtes e vae proceder-se a eleições geraes de deputados. O partido progressista procurou e obteve a adhesão do partido nacionalista para formar a opposição. D'este modo podem os catholicos obter uma bella representação no parlamento.

Resta agora que o paiz se pronuncie abertamente, porque *hora est jam de somno surgere*.

Aos nossos piedosos leitores e leitoras pedimos uma fervorosa oração por uma intenção particular.

## EXPEDIENTE

Já estão no correio os saques das importancias das assignaturas em divida, para o que chamamos a attenção dos nossos estimaveis assignantes.—A todos os nossos presados assignantes, que têm satisfeito até hoje o importe das suas assignaturas, mostrando com isso serem verdadeiros protectores da imprensa catholica, a esses repetimos, enviamos cordaes agradecimentos.—Em virtude de se acharem esgotados os primeiros numeros da nossa Revista, só poderemos d'ora avante fornecer collecções desde o numero 6, que é onde começa a «Vida de Santa Catharina de Genova.»

## ANNUNCIOS

### ORAÇÃO

À

## IMMACULADA CONCEIÇÃO

Para ser recitada durante o seu jubileu  
1903-1904

APPROVADA E INDULGENCIADA  
(Tradução official)

Preço—Por um exemplar. . . . . 40 reis

## Sermão do Enterro

PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

BACHAREL EM THEOLOGIA E FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA, ANTIGO PROFESSOR  
DO SEMINARIO DE LAMEGO E PRIOR DE VILLA DO CONDE

Approvado pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio Barroso  
Bispo do Porto

Preço . . . . . 100

## IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada  
com notas por

MONSENIOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr.

D. ANTONIO, BSPO DO PORTO

### Preços:

Em percalina . . . . .	300 reis
Em carneira com folhas douradas. . . . .	500 »
Em chagrin, douradas . . . . .	12000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor  
José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—  
PORTO.

## A ALMA

NO

## CALVARIO

CONSIDERANDO

Os soffrimentos de Jesus Christo e achando  
ao pé da Cruz a consolação para as suas penas

COM

ORAÇÕES, PRATICAS E HISTORIAS SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

PELO

P. BRAUDAND, S. J.

TRADUZIDA DO FRANCEZ

POR

A. L. F.

Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio,  
BISPO DO PORTO

Um volume de perto de 400 pag. . . . . 300 reis  
Encadernado . . . . . 500 »

A' venda na Livraria de Antonio José Fernandes—41, Largo dos  
Loyos, 43—e na Typographia Fonseca—Rua da Picaria, 74—Porto.

## O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO À

Santissima Virgem Mãe de Deus

Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.<sup>mo</sup>  
Sr. Conde de Samodães, com a colaboração poetica de Antonio  
Moreira Bello. Com permissão e approvação do Em.<sup>mo</sup> Sr. Cardeal  
Bispo do Porto.

1 vol., enc. . . . . 400 reis

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRQUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,  
Industrial de Lisboa de 1888  
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado;  
paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso;  
setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portu-  
guezas.